

O NARRADOR EM BECOS DA MEMÓRIA

THE NARRATOR IN ALLEYS OF MEMORY

Aciomar Fernandes de Oliveira¹

Resumo: A literatura, enquanto um instrumento de denúncia da realidade, é extremamente relevante por permitir aos sujeitos refletirem sobre as desigualdades, a discriminação, o preconceito existente em nossa sociedade, e não somente uma ferramenta de entretenimento. Conceição Evaristo, sendo mulher e negra, encontra na ficção um refúgio e, ao mesmo tempo, uma forma de evidenciar como as características de um passado de dor e sofrimento se reverberam no presente, contribuindo para agudizar a exclusão social de negros e negras. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é discutir sobre a construção identitária presente na obra *Becos da Memória*, da referida autora, a partir da análise do narrador e a correlação escrita e vida presente no texto de Evaristo, a que ela denomina de *escrivivência*. Para tanto, seguimos uma metodologia qualitativa, de cunho bibliográfico, em que foram selecionadas referências importantes sobre a temática, além de análises de trechos da narrativa mencionada. Concluímos este artigo, inferindo que a obra de Evaristo representa a voz das minorias que se encontram à margem da sociedade e, cotidianamente, lutam não só para terem espaço e reconhecimento, já que também fazem parte da composição da identidade nacional; mas, sobretudo, por respeito e igualdade.

Palavras-chave: Memória. Discurso. Narrador. Narrativa.

Abstract: Literature, as an instrument for denouncing reality, is extremely relevant because it allows

1 Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2010). Professor educação básica do Secretaria de Educação de Minas Gerais , Brasil



subjects to reflect on inequalities, discrimination, prejudice existing in our society, and not just an entertainment tool. Conceição Evaristo, being a woman and black, finds in fiction a refuge and, at the same time, a way of showing how the characteristics of a past of pain and suffering reverberate in the present, contributing to exacerbate the social exclusion of black men and women. In this sense, the aim of this article is to discuss the identity construction present in the book *Alleys of Memory*, by the aforementioned author, based on the analysis of the narrator and the correlation between writing and life present in Evaristo's text, which she calls *escrivivência*. To do so, we followed a qualitative methodology, of a bibliographical nature, in which important references on the subject were selected, in addition to analyzes of excerpts from the aforementioned narrative. We conclude this article by inferring that Evaristo's work represents the voice of minorities who find themselves on the margins of society and, on a daily basis, struggle not only to gain space and recognition, since they are also part of the composition of the national identity; but, above all, out of respect and equality.

Keywords: Memory. Speech. Storyteller. Narrative.

INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que a literatura se constitui como um instrumento de deleite, de construção do conhecimento e do aprimoramento das habilidades críticas de um sujeito, ela se mostra como uma importante ferramenta de análise e de denúncia das diversas realidades sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelos indivíduos em uma perspectiva individual e, também, coletiva. Por meio dela, é possível transmitirmos nossos sentimentos, nossas angústias, nossos anseios, além de compreender quem somos e qual é o nosso papel na sociedade, diante da necessidade de mudança, de transformação.

Nessa linha de raciocínio, as célebres obras de Conceição Evaristo têm relevância inigualá-

vel no que se refere à defesa dos direitos da mulher negra, à valorização da constituição da cultura afro-brasileira, bem como a luta contra o racismo. Nelas, a autora soube ressaltar, muito bem, questões associadas à discriminação social, de gênero e de raça sofrida por negros e negras, que ainda precisam ser combatidas na contemporaneidade, e que foram experienciadas pela própria escritora, tendo em vista sua condição de mulher pobre e negra. Por esses motivos, perante o desejo de dar voz aos excluídos e esquecidos socialmente, suas produções abrem espaço para meninos e meninas de rua, favelados, desempregados, mulheres, entre outras camadas sociais.

Em *Becos da Memória*, objeto de estudo para este artigo, temos a construção de diferentes histórias que se fundem para contar o cotidiano dos moradores de um bairro marginalizado prestes a ser destruído no centro da cidade de Belo Horizonte. Ainda que boa parte da narrativa seja desenvolvida em terceira pessoa, as experiências e as vivências de Maria-Nova predominam nela, formando sua subjetividade, a identidade de uma menina mulher que sofre com o processo de desfavelamento ao mesmo tempo em que tenta ser porta-voz das felicidades e dos tormentos dos outros.

Portanto, o objetivo deste estudo é discutir sobre a construção identitária da referida obra, a partir da análise do narrador e a correlação escrita e vida presente no texto de Evaristo, a que ela denomina de *escrivivência*. Para isso, seguimos uma metodologia qualitativa, de cunho bibliográfico que, segundo Marcokoni e Lakatos (2003, p. 183), tem como objetivo “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”.

CONCEIÇÃO EVARISTO: DISCURSO E MEMÓRIAS

Estudar os diversos efeitos de sentido que os nossos discursos e os dos outros carregam, o impacto dele sobre o meio em que vivemos e, sobretudo, as diversas formas em que ele é construído, ganhou espaço ao longo do tempo, tornando-se cada vez mais relevante, já que neles encontramos



múltiplas ideologias que disseminam e perpetuam preconceitos e discriminações disfarçadas e, concomitantemente, cumprem o papel de erradicá-los. Assim, podemos inferir que o discurso está relacionado ao modo como pensamos e agimos no mundo, pois estamos a todo o momento dando novos sentidos a ele, organizando-o de maneiras diferentes.

Ao nos comunicarmos uns com os outros em um dado contexto, estamos deixando transparecer opiniões, pontos de vistas carregados de ideologias e que trazem à tona nossa subjetividade. Portanto, a linguagem não tem somente a finalidade de comunicar algo a alguém, mas também de produzir uma imagem do outro, daquilo que ele defende. Orlandi (2012, p. 15), considera que “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”.

Nessa lógica, atribuímos significado às palavras conforme as nossas intencionalidades, os interesses que estão em jogo numa determinada ambiência. Os termos ganham novos sentidos determinando o que pode e precisa ser expresso. Isso está diretamente relacionado às condições de produção do discurso que trazem lugares de fala ligados a formações discursivas, que, por sua vez, desencadeiam formações ideológicas.

Diante das considerações feitas sobre o discurso, cabe-nos falar um pouco sobre memória. Ela pode ser definida como tudo aquilo que é preservado em nosso cérebro, de informações e de acontecimentos, obtidos por meio de vivências. Liga-se diretamente à aprendizagem na medida em que nos auxilia na aquisição de novos conhecimentos e, assim como o discurso, a memória é um instrumento privilegiado de manipulação, elemento substancial na construção da identidade individual, mas também coletiva. Conforme Le Goff (1996, p. 33); “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”.

A literatura, enquanto um elemento de manifestação dos discursos e de materialização das

memórias, apresenta-se como uma das formas de enxergar e encarar a realidade articulada pelo pensamento humano, seja questionando-a, seja buscando meios de combater suas dissonâncias. Nas palavras de Le Goff (1996, p. 11), “a memória é crucial, tanto por sua importância ímpar e fundamental nos modos de organização da identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do cruzamento entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva”. Sendo assim, não há memória coletiva sem a interação com as memórias subjetivas, sem relação com o passado.

Nas obras de Conceição Evaristo, as memórias possuem um valor extremamente significativo, uma vez que é por meio da recuperação de lembranças de seu passado que ela vai traçando a construção de suas narrativas. Isso fica evidente quando fala de sua infância, das memórias dentro de casa com a família, da relação com o lugar onde vivia, das preocupações de uma menina que precisou amadurecer muito cedo. Segundo Cruz (2016), logo no início de *Becos*, a protagonista da história recorre à memória para criar seus efeitos de sentido de modo que toda a construção se volta para recordações de Maria-Nova.

Em seu artigo “Gênero e etnia: uma escri(vivência) de dupla face (2005)”, Evaristo fala a respeito das relações citadas acima e dá destaque para a importância da oralidade e da literatura enquanto manifestação da cultura, resgate dos valores e acalento diante das dificuldades passadas pela família.

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. (...) Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. (EVARISTO, 2005, p. 203).

A família, portanto, representava o lugar da memória, o espaço em que o discurso da luta contra as desigualdades sentidas por um eu (a mulher negra) e experimentadas também por um “nós” (os negros), substancializava-se na narração. Em *Becos*, a relação entre família e memória construída

por Evaristo cumpre a função de reafirmar a realidade de exclusão da mulher negra não só na literatura e na sociedade, mas também em registros da História nacional. Por isso, ao construir o romance ela sinaliza meios de combater o apagamento histórico através da resistência e da recuperação dos fatos já vividos (o passado).

[A]s escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205)

Posto isso, o lugar conquistado por ela na literatura significa a salvaguarda da representatividade feminina e a possibilidade de visibilidade da mulher negra na sociedade. No excerto acima, a escritora evidencia que as mulheres negras têm o sofrimento duplicado, uma vez que, além de defrontarem com questões associadas à desigualdade de gênero, também precisam lidar com o racismo, problemas antigos, mas recorrentes na contemporaneidade. No interior dos pensamentos de Evaristo, está o desejo de que o corpo social reconheça em sua trajetória a luta por um espaço que, com a persistência da discriminação, tira os direitos dessa (s) mulher (es).

Nas palavras de Santos e Souza (1983, p. 17-18),

saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Tais potencialidades fazem parte de um representativo de mulheres que tiveram suas identidades e subjetividades perdidas e/ou reprimidas. Dito isso, a escrituragem é necessária por permitir requerê-las no contexto social e literário. Historicamente, sabemos que esse apagamento se vincula ao período de escravidão em que, por longos séculos, a história foi contada do ponto de vista do

colonizador, desconsiderando o olhar do escravizado, daquele que sofreu com as mais diversas dehumanidades, tendo sua cultura, seus costumes subjugados. Além de colocar os hábitos europeus como “padrões” a serem seguidos, o modo como os eventos são narrados faz perdurar o racismo, a discriminação, as desigualdades.

Nesse sentido, a memória é o instrumento crucial para desconstruir, questionar e propor mudanças na construção da História. As reflexões propostas por Evaristo culminam em uma crítica ao modo como se concebe a literatura e, ainda, a urgência de reconstruí-la sobre o prisma da cultura africana, da mulher negra, do escravizado. Para corroborar com essa ideia, cabe-nos considerar as indicações de Miranda (2015, p.86), quando ela infere que “além de restabelecer a subjetividade a partir de sua relação com o espaço, a temática da memória insere-se no processo de crítica do cânone brasileiro”.

Em *Becos*, Maria-Nova volta à infância, recordando-se de vivências pessoais, psicológicas, sociais, para lembrar-se de sensações que viviam em seu passado, como também estavam contidas em uma coletividade, no contexto no qual ela se inseria. Por conseguinte, a memória, além de simbolizar o individual, espelhava as aspirações do coletivo. Com tais memórias, o espaço da narrativa foi lapidando e revelando-se importante para a construção do sentido e para evidenciar o esforço em lutar mesmo diante das adversidades.

Seguindo essa linha de raciocínio, Pollack (1989, p. 9) sustenta que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência do passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis.

As outras características às quais Maria-Nova recorre na narrativa constroem essa memória coletiva. A personagem relaciona processos individuais de identificação na medida em que significa

um elo entre as memorações do outro ao incorporar suas memórias e as especificidades do lugar. Entre o hoje e o ontem, a vida desses indivíduos se entrelaçam nos becos sem nomes e sem significado para grande parte deles e, nas lembranças de Maria-Nova, reverberam um tempo de miséria e de exclusão já experienciado por seus antepassados.

Nessa perspectiva, as mulheres em Becos reforçam a ideia de que o país possui uma diversidade racial muito ampla ao mesmo tempo em que denunciam o preconceito que oprime, mata e mantém-nas vulneráveis às violências. A escrituragem não se limita a busca pelo direito de contar as memórias e de pensar na inserção da mulher na literatura. O lugar de fala de Evaristo, antes de qualquer coisa, retrata a urgência de reconhecer as mulheres negras, as mulheres negras escritoras e o papel de importância exercidos por elas na sociedade como produtoras do conhecimento. Marcada por lembranças do seu passado, ela deixa transparecer a esperança de que dias melhores virão.

O ambiente da favela, em que se vê aflições e desprazeres, chama a atenção para a exclusão e a agudização das desigualdades sociais, uma vez que as etnias não vivem em harmonia, sobretudo, se considerarmos as diferenças observadas entre um bairro marginalizado e outro localizado em áreas nobres, por exemplo. Maria-Nova descreve o desfortúnio em ver tratores destruindo a comunidade ao dizer que:

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá. (EVARISTO, 2018, p. 71).

As distintas características da sociedade brasileira, na maioria das vezes, não permitem ao sujeito a possibilidade de escolha. Desde o fim da escravidão, compartilha-se uma ideia de “liberdade” que precisa ser problematizada, pois, até hoje, negros e negras precisam combater desafios que permanecem devido a sua condição econômica, social, racial. Por isso, a representatividade é relevan-

te para o alcance da valorização e do respeito.

O discurso que se constrói por meio da oralidade, da contação de histórias na narração, valoriza não somente os relatos dos integrantes da comunidade, mas também seus modos de falar que atuam no sentido de indagar a respeito da superioridade cultural advinda do período de colonização, bem como um recurso de resistência. Então, a escrituragem reelabora discursos pré-concebidos, principalmente sobre as mulheres negras, confronta hábitos que reproduzem e perpetuam o racismo, a violência, a destruição da cultura afro-brasileira. Nesse processo de oposição e luta, o resgate do passado por meio das memórias funciona como um impulso que mantém uma relação do ontem com o hoje, sem perder a esperança da transformação de uma realidade excludente que acompanha comunidades negras desejosas, apenas, de resistir, de ocupar, de existir.

O NARRADOR EM BECOS: UMA INTERFACE ENTRE O REAL E O FICCIONAL

Iniciaremos esse capítulo abordando algumas considerações a respeito do narrador. Quando estudamos literatura na escola, muitas vezes ouvimos dizer que o narrador é concebido como um dos elementos essenciais de uma narrativa, sendo definido como aquele que narra, que nos conta a história, que nos traz informações sobre ela. Além disso, em relação a suas características, tendo em vista a composição textual (especialmente dos verbos e pronomes), podemos classificá-lo como narrador-personagem, narrador-observador e narrador-onisciente. O que nos permitiria identificar as diferenças entre eles estaria no foco narrativo, na possibilidade de se colocar na história, participando ativamente dela; ou de ser uma espécie de “espectador”, narrando somente suas visões, suas percepções sobre o outro.

Paralelo a isso, como um sujeito que faz parte da trama, o narrador expressa emoções e sentimentos, expondo seu olhar íntimo sobre os fatos dentro ou fora dela, diferenciando-se do autor real, o ser humano que planeja, cria e escreve a obra. No entanto, em muitas narrativas, como em Becos,

ocorre uma mistura das convicções do escritor e do narrador, em que a distinção entre o real e o ficção torna-se uma tarefa um tanto quanto complexa para o leitor, mas que, ao mesmo tempo, carrega uma profundidade que perpassa os limites do texto e da imaginação.

Conforme Benjamin (1987, p. 197), “por mais familiar que seja o seu nome o narrador não está de fato entre nós, em sua atividade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais”. Para o autor, esse distanciamento ocorre na medida em que as experiências vividas se apagam, reduzindo a profundidade envolvida no ato de narrar. Logo, elas configuram-se como o recurso essencial para a narração. “A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198).

No caso de Becos, ainda que Evaristo recorra a experiências vividas com a família e às lembranças do passado, por exemplo, dedicando suas obras a familiares, como se estivesse narrando algo que viveu; observamos que o ficcional se une às experiências, dificultando a identificação do que é real e do que é imaginário. A própria autora contribui para a construção dessa interrogação no público ao dizer, em seu prefácio, que no romance nada do que narra é verdade ou mentira e, ainda, ao completar dizendo que sua trajetória coincide com a de Maria-Nova. Sobre isso, Klinger (2012, p. 11) revela que;

É precisamente essa transgressão do “pacto ficcional”, em textos que, no entanto, continuam sendo ficções, o que os torna tão instigantes: sendo ao mesmo tempo ficcionais e (auto)referenciais, estes romances problematizam a ideia de referência e assim incitam a abandonar os rígidos binarismos entre “fato” e “ficção”.

Essa característica ímpar de Becos só reafirma a qualidade da escrita de Evaristo e, como ela mesma ressalta, evidencia um modo de lidar com o apagamento que, muitas vezes, representa um risco para a memória. Ao elaborar obras de cunho memorialístico, temos a possibilidade de criar fatos não vividos que se adequam a uma realidade de vida, de modo a completar e dar sentido a lacunas que brotam com o tempo, fatos que acabam sendo esquecidos. Então, a imaginação é uma importante cha-

ve para a reminiscência. Em *Becos*, Evaristo apropria-se de Maria-Nova para recordar de sua infância na favela e transmitir as narrativas que ouvia quando criança. O trecho a seguir comprova essa ideia.

E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova. (EVARISTO, 2018, p. 12).

Embora a narração esteja em terceira pessoa (narrador-observador), é possível notar, em consonância com Cruz (2016), que a voz de uma se reflete na voz de outra. Ao alternar a primeira e a terceira pessoa, esta “assume uma posição tão cúmplice com a personagem que, por vezes, temos a sensação de que suas vozes se fundem” (2016, p. 21). Maria-Nova pode ser classificada como uma narradora-personagem que, ao falar sobre si mesma, usa a terceira pessoa, como se tentasse situar os acontecimentos do passado no presente. Ao ceder espaço para o narrador onisciente, Evaristo propicia a aproximação com o leitor, tudo isso para refletir a respeito de memórias que se fazem atuais, buscando desenhá-las para o coletivo. No trecho abaixo, conseguimos compreender melhor essa ideia:

Maria-Nova, ao desenhar em sua imaginação os tiros que se anunciavam na arma do capataz, lembrou-se de Tio Tatão. Ele contava histórias de guerras. Um dia ele contou um pouco da guerra que havia participado. E não se sentia herói por isso. Na época era preciso recrutar mais soldados e só por isso ele foi aceito para o serviço militar. (EVARISTO, 2018, p. 81).

O redesenho das recordações ajudou a protagonista a entender a discriminação e a invisibilidade sofridas pelos negros, ressaltadas na fala do capataz. Tio Tatão não é visto como um valente que luta por sua nação, mas sim como opção para preencher lacunas no exército, já que “era necessário recrutar mais soldados”. Nesse sentido, Maria-Nova não representa apenas a voz da autora real, mas também a de um grupo que padece diante das imposições das classes dominantes.

Ainda que *Becos* apresente características de um texto de autoficção, autora e narradora se unem em uma espécie de interface, tendo em vista que quem escreve (Evaristo) empresta sua voz

e sua própria perspectiva à Maria-Nova, quem narra a história. O drama vivenciado pela escritora atinge a narradora tão fortemente que elas assumem uma vida estética idêntica, como se fossem uma só. É inegável que haja essa ligação entre elas, pois, em vários momentos do romance, suas vozes se alternam.

Por conseguinte, a narradora se constrói em uma dicotomia entre estar na favela, desejar transformar aquele cenário, mas, ao mesmo tempo, lidar com a impossibilidade realizá-la. Como o sujeito que acompanha o cotidiano daqueles que nela vivem, Maria-Nova sente a necessidade de recontar a história de cidadãos comuns. Tal simplicidade engendradora no modo de escrever e narrar faz com o que leitor ingresse totalmente na trama. Rompendo o silêncio dos marginalizados, Evaristo possibilita que Maria-Nova relate as memórias em nome de um grupo.

Na medida em que adentramos na composição ficcional e nas vivências destacadas por Maria-Nova, temos outras vozes sendo incorporadas na história, a exemplo da Vó Rita, uma velha, boa e experiente parteira que conhecia a luta dos seus. Contudo, o enredo não se constrói de maneira linear e contínua. Conceição vai costurando os fragmentos da memória, com os dramas e os infortúnios de cada uma das vozes, relacionando-as.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (EVARISTO, 2018, p. 16).

Todos os personagens mencionados na citação acima fazem parte da memória da personagem principal e a imagem construída por ela mostra que as reminiscências transitam em sua mente

como se estivesse percorrendo os próprios becos da favela e observando suas características. Além disso, é manifesto que Maria-Nova os têm como referência, por isso, o desejo de torná-los reconhecidos pelo leitor revela-se como um meio de eternizar, na memória coletiva, as histórias contadas por eles.

Em vista disso, a afetividade é significativa para Maria-Nova por auxiliá-la na reminiscência dos fatos, servindo como estímulo para compreender o passado e reconstituir sua infância. Nesse mesmo raciocínio, Silva (2010, p. 5) considera que, no decorrer da narração, “confirma-se a ideia de uma escrita construída a partir de uma rede de solidariedade, bela e dolorosa, que impõe à menina a missão de engajar-se, comprometer-se com a vida de seus semelhantes”.

Ao dizer que “busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2018, p. 11), Maria-Nova agrupa as descrições feitas por aqueles que compartilhavam o cotidiano da favela com ela, dando-lhes um espaço de fala, mas também incorporando-as como se fossem suas. Isso ajudava a construir a própria identidade da narradora/autora.

De acordo com Cruz (2016, p. 31),

a protagonista e seus rememorados compõem uma narrativa que é entrelaçada por múltiplas vozes, incluindo as de afrodescendentes de diversas gerações, em cenários que vão desde a senzala, passando pelas fazendas, lavouras, até chegarem aos becos das favelas dos grandes centros urbanos.

A favela, então, seria uma espécie de espelho das senzalas, na medida em que retratava as desigualdades vividas pelo conjunto de moradores do lugar, aprisionando-os em um passado de inexistência e negação dos direitos básicos que, no subúrbio, são notados pela privação à alimentação, ao saneamento, à infraestrutura mínima das moradias, entre outras problemáticas. Aqui, cabe mencionarmos a introdução do romance quando o narrador, misturado à voz de Evaristo, que um dia já viveu em uma favela mineira; pleiteia a autoria da história. Nesse princípio, o narrador é perceptível e deseja ser visível, todavia, isso não é mantido no decorrer da narrativa, se pensarmos que a voz de

Maria-Nova se entrelaça à voz de outros personagens. Outro ponto a ser considerado refere-se à presença do narrador-onisciente. A impressão que se tem é a de que a protagonista se posiciona como um personagem cuja história é contada com base em suas próprias convicções, cuja história transmuta-se em objeto do que se conta.

Ainda que não se ouça a voz da autora e nem de personagens, é a voz do narrador que se faz “eixo do romance”, pois a figura de Conceição Evaristo aparece “por cima dos ombros” dos narradores. Assim, escorada nos ombros dos narradores, a autora trabalha a sua sensibilidade, ao escolher e experimentar os sons das palavras para compor as narrativas, fazendo com que a sua voz autoral negra seja ouvida, do começo ao final dos romances, através da escrita profundamente marcada por suas próprias experiências e “vivência na comunidade negra”, de onde tira os elementos da [sua] “ficção-verdade” (ARAÚJO apud SOARES, 2011, p.50)

Entendemos que o contar em *Becos da Memória* retrata as inquietações de Maria-Nova, em combinação com as experiências e as memórias de Evaristo, em que se questiona sobre a existência das favelas, os obstáculos que impedem a inserção de pessoas negras em bairros centrais, os porquês de elas serem invisíveis para o Estado. A junção das memórias e das experiências, na interface entre o real e o fictício, entre a voz de quem fala e a voz de quem escreve, também representam a escrita de um eu político que denuncia opressões e da voz aos oprimidos. Além disso, a partir do momento em que a autora afirma seus objetivos ao desenvolver a narrativa, deixando entendível de que ela não se tratava de uma autobiografia, a narração em 3ª pessoa entra em ação, sendo que o narrador onisciente passa a privilegiar outras pessoas importantes para a trajetória de vida de Maria-Nova, como Vó Rita e Outra. Isto posto, a trama não somente se resume apenas à escrita de si, mas à vivência de todo um grupo que clama pela igualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulher, negra e de origem pobre. Esse é o lugar de fala de Conceição Evaristo que, como

vimos ao longo do desenvolvimento deste artigo, buscou, por meio da literatura, promover a reconstrução da identidade afro-brasileira ao mesmo tempo em que procurou evidenciar como os negros e outras minorias são invisibilizadas na sociedade brasileira, especialmente, aquelas que residem nas periferias do país. O negro que sai das senzalas agora habita os becos, continuando a ser excluído e discriminado.

Vimos que a narrativa abre espaço para pensarmos nos inúmeros jeitos de ser mulher negra no país assim como a reverberação de um sistema que a coloca em posição de inferioridade. Destarte, a memória e a ancestralidade formam o caminho para a valorização da cultura e a restauração da identidade e das múltiplas formas de ser mulher.

Ao colocar como plano de fundo as sensações dos indivíduos da comunidade com o desfavorecimento, o romance *Becos da Memória* representa um espelho que nos permite refletir sobre os reflexos do passado escravocrata nos dias de hoje e a presença do negro na construção da identidade nacional. Para isso, a autora pratica um exercício de memória em que, ao resgatar momentos vividos em seu passado, chama a atenção para obstáculos tão antigos e, ao mesmo tempo, tão atuais. A sobreposição das vozes de autora e personagem nos permite voltar o olhar para algumas realidades.

Desse modo, concluímos, com este estudo que, ler *Becos* representa mergulhar na realidade de um país cheio de desigualdades econômicas, sociais, culturais, onde as pessoas têm de lutar para garantir seus espaços, pois a sociedade não é tão igualitária quanto parece ser. É mergulhar no interior de questões que estão presentes na vida de boa parte da população que convive com a pobreza, com a desigualdade, com o racismo e com o machismo. Logo, a luta de Evaristo é particular, mas também coletiva.

Conhecer e respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o contexto étnico brasileiro, é um dos modos de estimular a convivência com esses variados grupos, fazendo dessa particularidade um fator de enriquecimento cultural e não de exclusão social. Temos de contribuir para que todos tenham voz e para que ela seja ouvida! A voz de Maria-Nova! A voz de Conceição Evaristo! A

voz de Vó Rita, de D. Anália e tantos outros que carregam esse passado de dor e de sofrimento. Na escrituragem, a esperança de um futuro de reconhecimento sempre permanecerá viva, inspirando transformações no modo como se concebe a literatura e o papel da mulher negra na coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F. S. Uma escrita em dupla-face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. 2007. 115f. Dissertação — Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007. Material digital. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=15732. Acesso em: 09 ago. 2022.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CRUZ, Jane Cristina. Uma análise da personagem narradora em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. Enciclopédia Einaudi. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, Adelaide C. Memória e cidade na narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015.

ORLANDI, Eni. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS SOUZA, Neusa. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SILVA, Luciane Nunes da. Escrita, experiência e memória: uma leitura de Becos da Memória, de Conceição Evaristo. In: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.